

Este estudo faz breves considerações acerca de algumas das formas ficcionais adotadas por Enrique Vila-Matas ao longo de sua obra, tendo como principal referência a noção de metaficção, cunhada por William Gass no ensaio que empresta seu nome a este trabalho. Meu objetivo ao tomar o nome do texto de Gass é chamar atenção à esta (auto-)reflexividade que segundo o autor caracteriza a ficção contemporânea e, espera ele, a vindoura, tendo seu texto sido escrito na década de 70. De acordo com o autor, a metaficção seria a radicalidade da experiência ficcional, em que o escritor haveria chegado a um ápice de consciência da textualidade intrínseca, da constituição enquanto linguagem, dos elementos de que se constituem a escritura e a filosofia e será através de tal linguagem, auto-consciente, que o novo ficcionista irá construir mundos feitos inteiramente de linguagem, não que este novo ficcionista não tenha precedentes, é evidente que existem muitos, mas este seria o novo paradigma da produção ficcional. Esta visão da literatura do porvir de Gass é confrontada neste trabalho com o diagnóstico que Enrique Vila-Matas faz repetidamente em sua obra das letras contemporâneas, e os livros que compõem o que veio a ser entendido por metaficção são aqui comparados com as diferentes formas adotadas por Vila-Matas, buscando situá-lo, é claro que não de forma taxativa, no panorama da ficção do século XX e XXI.